

Ser judeu. II

(Aspecto cultural)

Enquanto gente nascida em determinado lugar e momento somos ocidentais, mas enquanto judeus somos ocidentais em sentido ligeiramente diferente dos demais participantes da nossa cultura. Isto confere ao engajamento do judeu na cultura geral sabor muito específico, nem sempre conscientizado. O propósito da presente palestra é o de considerá-lo.

A cultura ocidental nasceu com o helenismo, e é sucessora das culturas do Oriente próximo e das mediterrâneas. Tomada assim, ela é a mais antiga das culturas, e sua origem se perde no sétimo milênio, por mais que a propaganda atual terceiromundista, (chinesa e hindu), queira negá-lo. O que distingue a cultura ocidental das suas predecessoras é que nela dominam os cultuemas gregos e judeus. Os elementos egípcios, mesopotâmios, e centro-asiáticos foram inteiramente reformulados pelas categorias gregas e judias, e os elementos celtas, germânicos, eslavos, ~~e~~ árabes, turcos etc. foram absorvidos por tais cultuemas. Quanto ao elemento romano, serviu para estruturar a nossa cultura, e não tanto para contribuir ~~o~~ conteúdo. De modo que a nossa cultura nasceu essencialmente grega e judia e continua assim. Seus mitos são judeus e gregos, sua maneira de perceber, viver, sentir e agir é grega, ~~xx~~ e judia, seu estar-no-mundo é grego e judeu. Em suma: a Alexandria helenística é o seu prototipo.

Mas seria erro dizer-se que o Ocidente é síntese entre gregos e judeus. Se fôr síntese, é síntese malograda. As duas heranças ocidentais mais profundas são incompatíveis. Se fôr permitida simplificação brutal, os gregos vivem e pensam "essencialisticamente", e os judeus "existencialisticamente". Alguns exemplos para ilustrá-lo. A justiça, para os gregos, ("diké"), é o equilíbrio entre extremos, e para os judeus a justiça, ("tsedakà), é a vitória do Bem sobre o Mal. O que é justo para os gregos é sumamente injusto para os judeus, e vice versa. A "verdade", para os gregos, ("aletheia"), é o desvendamento objetivo do Ser, e para os judeus a verdade, ("emeth"), é a revelação intersubjetiva do Eterno. O que é verdade para os gregos é mentira para os judeus, e o que é verdade para os judeus é opinião errada para os gregos. A imortalidade, para os gregos, está na imutabilidade eterna das idéias, e o método para alcançá-la é a filosofia. Para os judeus a imortalidade está na memória dos outros, e o método para alcançá-la é o amor aos outros. A imortalidade grega é idolatria para os judeus, e a imortalidade dos judeus é ^{portanto dogmática} "área política" para os gregos. Na antropologia grega a pátria do homem são as idéias, e o homem é essencialmente não-histórico. Na antropologia judia o homem é criado segundo a imagem Divina para governar o mundo, e é portanto essencialmente ente histórico. Não há compatibilidade entre essas duas antropologias.

Não apenas são incompatíveis tais duas culturas: uma sente nojo visceral pela outra. Para os gregos os judeus são fanáticos nauseabundos, para os judeus os gregos são salauds desprezíveis. Os evangelhos permitem que vislumbremos isto: como Pilato vivenciava os judeus, e como os judeus vivenciavam Pilato. Não obstante isto, as duas culturas co-existem na consciência de cada um de nós, e não podemos existir sem uma nem a outra. Abrigamos tanto a noção grega quanto a judia da verdade, da justiça, da imortalidade, da história, e de todas as demais categorias da ação e do pensamento. E o conflito que disto resulta se manifesta tanto nas nossas consciências individuais, como na história do Ocidente.

Várias sínteses das duas culturas foram ensaiadas ao longo da história do Ocidente, e o cristianismo é o exemplo mais evidente. E surgiram várias disciplinas que se fundamentam sobre uma ^{ou a outra} das duas heranças: a ciência moderna é essencialmente grega, a política moderna essencialmente judia. Quando uma das duas culturas parece dominar, a outra irrompe infalivelmente. Os exemplos são estes: a Reforma pode ser interpretada como irrupção do judaísmo contra a helenização aristotélica da Igreja, e o formalismo estruturalista atual como irrupção do helenismo contra a judeização do pensamento pelo historicismo. A história toda do Ocidente pode ser considerada luta dialéctica entre a herança grega e judia nele inerente.

Tal ruptura interna que caracteriza o Ocidente confere-lhe aquele dinamismo extraordinário que lhe permitiu dominar e violentar todas as demais culturas. Mas também o torna frágil e vulnerável, aspecto este que está surgindo à tona atualmente, quando as culturas dominadas e violentadas parecem estar-se preparando para a vingança. Raramente a ambivalência da nossa cultura aparecia tão nitidamente quanto agora, e é necessário que a assumamos se quisermos salvá-la. Tarefa essa duvidosa tanto moral-quanto existencialmente: quiçá nossa cultura não merece ser salva, vistos os crimes que cometeu, (escravidão negra, nazismo etc.), e vistas as contradições do seu estar-no-mundo. Mas tais são considerações teóricas: enquanto ocidentais estamos visceralmente interessados na sobrevivência do Ocidente. Morreríamos com ele.

Pois os portadores originais da herança grega, os gregos clássicos, desapareceram. Diluíram-se no Ocidente sob a forma do bizantinismo. Mas paradoxalmente os portadores originais do judaísmo continuam ativos: somos nós. Por certo: não somos como eram os judeus do tempo do Talmud: o judaísmo "evoluiu", como se costuma dizer atualmente. Isto é: foi profundamente modificado pela história do Ocidente. Não obstante: jamais foi rompida a cadeia que liga o judaísmo atual com o judaísmo que deu origem ao Ocidente. E isto confere ao engajamento cultural do judeu conciente um sabor sem paralelo.

Repito: enquanto gente nascida no Ocidente no século vinte somos, nos os judeus, vítimas das mesmas contradições internas das quais sofrem os

* Hadrian - Rab. Asuiba

* x Judaisms - extracurricular

x A raiz do judaísmo histórico, não religiosa, e seu caráter.

demais participantes do Ocidente. Somos assolados pelas mesmas duvidas epistemologicas e morais, sofremos a mesma crise de fé, e estamos sendo ameaçados pelos mesmos perigos. O confucianismo cibernético japonês e chinês varrerá da cena todos os ocidentais, inclusive os judeus, se tiver oportunidade para fazê-lo. Mas há esta diferença entre nos, os judeus, e os demais participantes do Ocidente: dispomos de ^{cadeia} ligação direta que nos liga a uma das raizes da nossa cultura. Podemos vivenciar, no nosso intimo, o clima existencial do judaismo original, coisa que não podemos fazer quanto ao helenismo, e que os outros ocidentais não podem fazer nem quanto ao judaismo nem quanto ao helenismo.

Tal capacidade dos judeus para relembrar as origens, (em hebraico "zekher"), ~~deve ser~~ escândalo aos olhos dos demais ocidentais. Com que direito os judeus conservaram as suas raizes, quando os demais as perderam e devem fazer ginásticas complicadissimas do tipo "Heidegger", "Jung" ou dos protestantes fundamentalistas para lembrá-las? Tal escândalo parece-me ser uma das explicações do antisemitismo. O fato dos judeus não terem desaparecido, como desapareceram os gregos; é escandaloso. Acresce-se que Jesus, o fundador do Ocidente, era judeu e que, para os cristões crentes, Ele é Deus incarnado. Deus encarnado em judeu: o escândalo, do ponto de vista do ocidental não-judeu, é doloroso, e devemos, nos os judeu, admiti-lo antes de qualquer engajamento nosso em prol do Ocidente.

Mas uma vez admitido que a nossa existencia enquanto judeus é escandalosa, como tal, para os demais ocidentais, quer o concientizem quer não, isto pode ser desafio para o nosso engajamento no Ocidente. Em poucas palavras: o nosso papel no concerto do Ocidente é o de testemunhar pelos culturemas judeus, (por aquilo que se chama, um tanto ligeiramente, "os valores judeus"). O mal nisto é que a coisa não é fácil por uma razão curiosa. Embora vivenciemos, surdamente, tais ditos "valores" no nosso intimo, graças sobretudo à experiência que deles temos em nossa vida familiar, eles são de difícil articulação concreta. ^{Se feita} Devem ser "estudados". Pois os judeus que os "estudam", que levam vida judaica no sentido estrito, são precisamente aqueles que não estão interessados em testemunhar por eles para os não-judeus. O judaismo atual não é proselitizante, ^{é estudado} E os que estão abetos para o mundo, os que se engajam no Ocidente, não "estudaram", em sua enorme maioria, tais ditos "valores". São judeus ignorantes.

Não adianta disfarçar tal dificuldade. Mas tâpouco é necessário exagerá-la. O que caracteriza os culturemas judeus, ao contrário dos gregos, é que são, em sua enorme maioria, modelos de comportamento concreto. São o que os outros chamam, um tanto desprezivelmente, mas enganadamente, "ritos". São modelos que visam dar significado à existencia absurda humana. Por isto são, tomados isoladamente, absurdos eles proprios. Mas

4

em seu conjunto "santificam" a vida. Pois acontece o seguinte: os que "estudam" tais cultuemas, os que discutem se é permitido comer ovo posto no sábado, tendem a perder o propósito dos tais "ritos" de vista. Perdem a visão da floresta por conhecerem bem demais as árvores. E são precisamente os judeus ignorantes, os que têm a visão do conjunto sem conhecerem os detalhes, que melhor podem servir de testemunhas do judaísmo.

O importante é que o judaísmo original é conjunto de modelos concretos de comportamento a dar significado ao absurdo da vida. O judaísmo todo é um desafio ao absurdo, o qual ele aceita como dado de partida. Este é seu clima. Não apenas Jô, também Kafka é disto testemunha. E estou convencido que leitura atenta do Talmud comprovaria minha tese. Pois se a minha tese fôr correta, o engajamento do judeu na cultura Ocidental parece pré-figurado. 'E o de propôr modelos de comportamento concreto em concordância com a vivência surda que tem do judaísmo. É efetivamente é isto que os judeus engajados estão fazendo. Darei alguns exemplos:

Os kibbutzim são modelos de comportamento social, e se assumem destarte. O Estado judeu, todo ele, se quer modelo de estado. Marx propõe modelo de comportamento revolucionário, e Fredd propõe um modelo de comportamento individual conciente. Spinoza propõe modelo de comportamento filosofico, e Husserl propõe modelo de comportamento de cientista. Schoenberg propõe modelo para compor-se musica, e Wiener propõe modelo para comportamento cibernético. Levy-Strauss propõe modelo para comportamento mitico, e Popper propõe modelo para comportamento racional. Os exemplos são facilmente multiplicáveis. Por certo: o modelo de todos os modelos foi proposto por Jesus por sua palavra e vida, mas isto é tema que ultrapassa a presente palestra. O importante aqui é que a meu vêr a contribuição judia ao Ocidente é a de propôr modelos para comportamento concreto.

Modelos são, falando logicamente, imperativos. Dizem respeito ao "dever ser". Impõem-se sobre a realidade. São, no falatoria atual, "imperialistas". Não são simpáticos, provocam ressentimento. Na medida em que judeus propõem modelos, provocam o antisemitismo. Mas isto é preço que deve ser pago. A existência mesma do judeu é escandalosa para os outros. Pouco admira que o seja, ainda mais, o engajamento judeu nos outros. Assumamos isto. Assumamos que o marxismo, o freudismo, o schoenbergismo, e no fundo dos fundos o cristianismo são provocações do antisemitismo. O que conta é que os modelos que estaremos propondo ajudem a dar significado às nossas vidas, às nossas proprias e às dos outros. Porque se nos abstermos de tal engajamento, por receio de provocação, não estaremos vivendo, nem enquanto judeus, nem enquanto gente. A nossa dimensão judia é inseparável da nossa condição humana. Procuremos viver essa condição humana que é a nossa com dignidade.